

PERCEPÇÕES DOS GESTORES MUNICIPAIS DE SAÚDE EM RELAÇÃO AO CUIDADO ÀS DEPENDENTES QUÍMICAS.

José M. Braga Júnior*, Brunna V. C. Gondinho, Michelli C. de Oliveira, Cláudia A. de B. Oliveira, Pedro A. T. Leme, Jaqueline V. Bulgareli, Karine L. Cortellazzi, Antonio C. Pereira, Luciane M. Guerra.

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo conhecer como se dá a gestão do cuidado em saúde aos dependentes químicos na Estratégia Saúde da Família a partir das percepções de gestores municipais de saúde. Estudo qualitativo, onde 23 Gestores de Saúde do município de Piracicaba-SP distribuídos em 4 Grupos Focais responderam à seguinte questão disparadora: "Como se dá o cuidado em saúde aos dependentes químicos na Estratégia Saúde da Família?". Foi realizada análise temática de conteúdo. Resultados parciais: os gestores pontuaram sobre: 1) Cuidado centrado nas necessidades de saúde, 2) Processo de trabalho da equipe a partir de uma lógica biomédica e 3) Necessidade de vínculo e acolhimento dentro e fora da unidade de saúde. Segundo as percepções de gestores municipais de saúde o cuidado a dependentes químicos se dá sob uma lógica biomédica e que há a necessidade de vínculo e acolhimento entre profissionais e usuários dentro e fora da unidade de saúde.

Palavras-chave:

Cuidado em Saúde, Dependência Química, Gestão em Saúde.

Introdução

A atual política nacional de atenção integral a usuários de álcool e outras drogas propõe ações focadas na integralidade. Isso representa um desafio que se dá na perspectiva de melhorar as condições de vida dos usuários, bem como investir na prevenção, no tratamento e na reabilitação das vítimas desse problema, enfatizando o compartilhamento de responsabilidades e a participação da população direta e/ou indiretamente envolvida (Brasil, 2003).

Estudos demonstram, entretanto, a dificuldade dos profissionais da saúde ao lidar com usuários de álcool e outras drogas, revelando a resistência dos trabalhadores em lidar com tal demanda (Vargas, 2001), bem como a falta de satisfação pessoal e profissional em atendê-los (Pillon, 2003); indiferença na oferta da assistência a esses pacientes (Reyes e Luis, 2004); reconhecimento da existência de dificuldades consideráveis na assistência oferecida aos usuários de drogas (Barros, 2006); discriminação dos usuários e inexistência de rede efetiva em saúde mental (Nunes et al., 2007); ações de predominância biomédica (Silveira e Vieira, 2009); assistência entendida por prática de encaminhamentos (Fiúza et al., 2011), falta de aceitação da situação de drogadição (Branco et al, 2013) e que a tristeza, o desconforto, a compaixão, a insegurança, o medo e receio foram os sentimentos destacados por profissionais da ESF em relação à demanda de dependentes químicos (Gondinho, 2014).

Tais constatações representam um desafio para o Sistema Único de Saúde (SUS), visto que a predominância de ações de caráter biomédico interfere na organização do processo de trabalho em saúde das equipes, uma vez que pauta-se na figura centrada do médico, deixando de lado a interdisciplinaridade entre os profissionais. Por esse motivo, com a finalidade de produzir processos de trabalhos focados na atenção integral do usuário e na participação coletiva dos atores envolvidos, busca-se a

ruptura desse modelo, até então, hegemônico de organização do trabalho em saúde (Merhy, 2002).

O presente trabalho teve por objetivo conhecer como se dá a gestão do cuidado em saúde aos dependentes químicos na Estratégia Saúde da Família a partir das percepções de gestores municipais de saúde.

Resultados e Discussão

Estudo qualitativo, onde 23 Gestores de Saúde do município de Piracicaba-SP distribuídos em 4 Grupos Focais responderam à seguinte questão disparadora: "Como se dá o cuidado em saúde aos dependentes químicos na Estratégia Saúde da Família?". Foi realizada análise temática de conteúdo.

Resultados parciais: os gestores pontuaram sobre: 1) Cuidado centrado nas necessidades de saúde, 2) Processo de trabalho da equipe a partir de uma lógica biomédica e 3) Necessidade de vínculo e acolhimento dentro e fora da unidade de saúde.

Conclusões

Segundo as percepções de gestores municipais de saúde o cuidado a dependentes químicos se dá sob uma lógica biomédica e que há a necessidade de vínculo e acolhimento entre profissionais e usuários dentro e fora da unidade de saúde.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos ao CNPq.